ANO 7.º | Sexta-feira, 28 de Agosto de 1914 | NUMERO 336

O DEMOCRATA (AVENÇA)

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . 1$20
Semestre . . . $60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . . 2$50
Avulso . . . $02

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS

Por linha . . . 4 centavos
Comunicados . . . 2 centavos
Anúncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

HORA DE ANCIEDADE

Alastra, duma maneira pavorosa, a guerra na Europa. O dia de ámanhã é um ponto de interrogação pois que a grande batalha vai começar, se é que não começou já, com todos os seus horrores, entre as nações beligerantes, preparando-se a França, com o auxilio da Inglaterra e da Russia, para repelir a invasão opressora da Alemanha. Todos os sentidos, todas as vontades, todas as simpatias acompanham hoje, em nome do Direito e da Humanidade, esse nobre país, que é o centro da civilisação, onde flutua a sagrada bandeira tricolor como simbolo dos mais generosos ideiaes—da Liberdade, da Egualdade, da Fraternidade—e encarna a libertação dum povo cuja bravura se tem assinalado desde as mais remotas eras.

Por nós, pelos principios que defendemos, só uma coisa desejâmos: é que se realise a profecía do eminente parlamentar, Victor Hugo, quando a 1 de março de 1871, em torrentes de eloquencia, após a entrada dos prussianos em Paris, acentuou que estas palavras seriam um dia gritadas pela França:

«Chegou a minha vez, Alemanha, aqui me tens! Sou eu tua inimiga? Não. Sou tua irmã. Tomei-te tudo e torno-te a dar tudo, com uma condição: é que não seremos mais do que um só povo, uma só familia, uma só Republica... Vou demolir as minhas fortalezas, tu vais demolir as tuas. A minha vingança é a fraternidade. Acabaram-se as fronteiras: o Rheno é de todos. Sejâmos a mesma Republica, sejâmos os Estados Unidos da Europa, sejâmos a federação continental, sejâmos a liberdade europeia, sejâmos a paz universal. E agora, apertemos a mão, porque prestámos um serviço uma á outra: tu livraste-me do meu imperador, eu livro-te do teu.»

A guerra

Continuam decorrendo negros dias de luto e dôr, de lagrimas e de sangue, manchando o brilho deste seculo de progresso e de luz.

A barbarie, no seu ultimo estertor—temos disso arreigada esperança—debate-se na mais feroz das lutas e apesar de batida por todos os lados, ainda se mantem, prometendo por largo tempo disimar os seus inimigos, semeando a morte, o pavor e a destruição por toda a parte, com as suas novas arremetidas e surprezas. Por isso vivemos nesta latente impressão de anceio e de intimo pezar, lembrando-nos, que, ao traçarmos estas linhas, muitos estarão sob a metralha que os despedaça, o sabre reluzente que os retalha, a morte que os aniquila!

Que horas de tortura indiscritivel, de saudade imensamente amarga, de recordação de intima e doce fragancia não assaltarão as almas de quantos, ao defrontarem-se com os canhões inimigos, terão para a Patria e para a familia o seu ultimo pensamento, o seu derradeiro adeus!

E porque? Porque dois homens pretendem esmagar os que, seguindo a luz e a fraternidade, sustentam o grande principio da Democracia de encontro ao absolutismo, e as suas pretendidas reivindicações, representado por essas duas nefastas testas coroadas. Sobre elas cáem as maldições do mundo todo até dos mais afastados de tamanha luta. E de todo esse côro de anátemas sáe o esforço sublime dos que esmagam, pelas armas, os perturbadores da paz universal.

As ultimas noticias acalentam-nos a esperança do seu triunfo.

Até agora os invasores da Belgica e da França estão sendo detidos nas suas investidas ferozes, acompanhadas das maiores atrocidades que se póde imaginar. A sua fronteira russa invadida por uma aluvião de inimigos que do norte da Europa descem a esmaga-los. No mar as suas esquadras imobilisadas e dentro do seu proprio país o inicio, o esboço claro duma situação desesperada.

A Alemanha tem recursos monetarios bastante limitados, pois vive muito do credito. Facil é prever ali uma muito má situação financeira no atual momento.

Segundo estatisticas oficiaes, o imperio alemão comprava *dois milhares e 560 milhões* de produtos alimenticios de origem vegetal e *um milhar e 219 milhões* de produtos alimenticios de origem animal, o que quer dizer que pagava anualmente ao estrangeiro *3 milhares e 780 milhões!*

Estando hoje cercado e isolado do resto do mundo, fatalmente estará caminhando para a ruina da sua industria, para uma situação que será insustentavel e para a fome que avassalará 65 milhões de bocas!

Juntando-se a isto a perda de diferentes colonias alemãs tomadas pela Inglaterra, cértamente no meio popular deve existir nesta hora um grande movimento de insurreição.

A crise financeira emparelha com a crise politica!

O partido socialista sempre foi contrario á guerra e o chefe deste agrupamento, Liebknecht, um dos seus mais implacaveis adversarios.

A respeito dela foi largamente distribuido um apelo da *Liga alemã para a humanidade*, expedido de Berlim e recebido em Londres pela secção inglêsa da mesma Liga.

Neste apelo, o *comité* alemão denuncia energicamente o despotismo militar, tolerado durante muito tempo pelo povo alemão e cuja abolição é agora inevitavel.

Duas frases são principalmente notaveis: na primeira, Guilherme II «tirano rodeado de parasitas» é-nos mostrado sempre na companhia «mais egoistas, mais diabolica e mais desesperada, que jámais se tentou contra a humanidade».

Os sinatarios terminam o seu apelo com a seguinte frase:

«Sabemos que a revolução que se produz entre nós, deporá um despota cujo orgulho insaciavel vai fazer espalhar sobre a terra da Europa ondas de sangue de operarios e paes de familia.»

E assim deverá ser, como merecido premio de toda a lugubre e horrorosa obra desse homem—negra figura da historia alemã, mortifera mancha na humanidade em pleno seculo XX.

Films . . .

Gesto de heroe...

Porque tivésse sido nomeado para uma comissão de serviço que lhe não quadrava, pretendeu exonerar-se de capitão de mar e guerra ao mesmo tempo que oferecia os seus serviços como simples soldado em qualquer das expedições que vão partir para a Africa, o sr. Machado Santos, a quem o govêrno respondeu que *na presente conjuntura ninguem póde deixar de prestar os serviços que lhe sejam exigidos pela Patria, tanto mais tendo o requerente uma patente elevada, uma situação politica e um nome historico*, como de proprio se arroga.

O homem deu novamente raia. E até que um dia se afunde de vez, está indicado que não modificará o sistêma de se tornar célebre pelas suas parvoices.

Faz pena, mas é assim.

Porque víve

Num artigo da gasêta monarquica de Agueda, individamente intitulada *Soberania do Povo*, escreveu o dr. Cherubim do Vale, no dia 8, um arrazoado em que se propunha apresentar as causas porque ainda vive a Republica, que continua a merecer do esgasiado escritor a honra da sua feroz antipatia, como se isso pudésse causar-lhe algum dano. Não concluiu, porém, Cherubim a demonstração da tese, que deixou para o numero seguinte. Esperámos. E como se nada tivésse aparecido esperámos mais e mais até que a 19 lá vem o resto, onde apenas pudémos verificar que o regimen, mais seguro do que nunca, se acha em condições de o não perturbarem já os latidos de qualquer cachorro...

Lá fóra

Sabe-se pelos jornaes que existe na Inglaterra uma fabrica de oculos... para bois e vacas e que esses objétos são todos destinados á Siberia onde, ao que parece, o sol, refletindo pelas neves, produz ophtalmias nos pobres animaes.

Tudo é progresso. Mas se os bois da Siberia usam oculos, por necessidade, que admira se, por luxo, anda tanto *burro* de monoculo em Portugal?

Um tipo

Tendo arribado a Lisboa, onde fundou gasêta monarquico catolica, o *Carequinha* está se salientando não tanto pelos seus escritos arabescos como ainda pela arrogancia e atrevimento com que se quer impôr á consideração publica.

Assim, num curto praso, se julgou a exotica criatura já duas vezes ofendida com alusões de jornaes a um ponto tal que logo se dispoz a bater-se no campo da honra, enviando testemunhas aos articulistas, que, por sua vez, como é natural, se escusaram de entrar na farça com semelhante adversario. Valeu-lhes, é claro, a *desclassificação pura e simples*, decretada pelas testemunhas do novel ferrabraz; no entretanto, de que serve isso quando a *carencia* de autoridade para lançar um desafio se encontra quasi sempre nos pseudo-ofendidos?

Percebe-se, todavía, onde o *Carequinha* quer chegar. E como de todos é conhecido o famoso aventureiro, segue-se que não ha maneira nem de lhe darem honras nem de tomarem a sério o papel que tão cinicamente anda representando.

Papel que, aliás, é o unico compativel com o seu *elevado* caracter...

Ainda bem

Conforme o seu desejo, foi já exonerado de tenente miliciano o medico Pereira da Cruz, que por isso passará a ser, de ora ávante, só *medico municipal do concelho, delegado de sauda no distrito, homem politico, politico republicano e republicano democratico.*

E' caso para felicitar o exercito cuja farda só deve ser vestida por quem a saiba honrar em todas as conjunturas.

Um tratado

Na legação inglêsa, em Lisboa, têve ha dias logar a assinatura do tratado do comercio entre Portugal e a Inglaterra, firmando esse documento, da mais alta importancia para nós, o sr. Freire de Andrade, ministro dos negocios estrangeiros e o representante do govêrno inglês, sr. Carnegie.

Para se avaliar do valor e significação do documento, que em 22 anos de negociações a monarquia não conseguiu, basta dizer-se que ele estabelece prefeita egualdade de tratamento entre as duas nações, isenção de direitos de transito para mercadorias, facilidade de navegação, abastecimento e reparação de navios, exercicio de industrias e introdução de mostruarios comerciaes, isto além do muito que nas suas clausulas ainda se acha especificado. Pois apezar de tudo existem patrioteiros, que, não contentes em afirmar que o tratado *não satisfaz as justas aspirações e os legitimos interesses da nação*, chamam ainda *imprevidentes* e *ineptos* aos estadistas da Republica como se quem o diz algum dia tivésse dado provas de não ser um grandissimo cretino.

Andam a pedir *bôlo* como pão p'ra bôca.

Os cães...

Insolencias

Decididamente Cherubim Guimarães não anda em seu juizo perfeito. Atacado de brotoeja monarquica, pensa o novo colaborador da *Soberania*, colêga do Azevedo, do *Béco*, do *Toi* e quejandos gazeteiros politicos sem convicções, que lhe havemos de aturar as baboseiras que se permite escrever, desdenhando de tudo, sem se lembrar ao menos, o pifio bacharel, que uma coisa o define no meio de tanta falta de patriotismo—a sua insignificancia.

Mas que querem se *ninguem fala senão quem tem que se lhe diga?...*

Previsões

Lêmos algures, num *pasquim* monarquico, salvo erro, que a conhecida vidente *madame* de Thèbes, anunciou, no seu almanaque para 1914, além de vários outros acontecimentos, a conflagração européa, um processo célebre em França, a restauração da monarquia em Portugal, grandes naufragios e a morte de Pio X.

Póde ser que tudo sáia cérto. Quanto á restauração da monarquia em Portugal, porèm, é que *madame* de Thèbes fez mal incluindo-a no numero das suas previsões. Por todos os motivos e mais este: porque nem que se desdobrem o Moreira de Almeida, o *Unha*, o Arruela, o *Capirote* e quantos monarquicos de egual jaez existem, isso se dará. Falta-lhes o apoio do *Bichêsa*, com que *madame* de Thèbes não contou, do ex-tenente vigarista, não incluindo já outros, que eram de grande importancia se se não tornassem mais *democraticos* do que os proprios republicanos.

Um biltre

Tendo a *Lucta* publicado ha tempo uma correspondencia desta cidade ofensiva para o nosso director e encontrando este, por méro acaso, ontem, depois das 21 horas, o correspondente desse jornal, a quem nunca fez tenção de procurar nem tão pouco de perseguir, aplicou-lhe, no entretanto, o devido correctivo não fosse o *petit-metre* julgar-se Napoleão em terreno conquistado.

Verdade seja que deviamos ter em consideração que não ofende quem quer e muito menos o petulante rabiscador de correspondencias baratas.

Mas—vá lá o estribilho—seja tudo em desconto dos nossos pecados e pelas bemditas almas que estão no fogo do purgatorio...

Ao sr. director dos correios

Da supressão do *rapido*, que de Lisboa aqui passava pelas 13 horas, resultou que a correspondencia que este conduzia e que de tanta conveniencia era, só aqui chegue no comboio das 18,20.

Parece que por todos os motivos e ainda pela inerente celeridade do serviço, áparte a anciedade que neste momento domina toda a gente, deveria proceder-se á imediata distribuição da respectiva correspondencia. Contudo não sucéde assim.

Essa mala fica retida na *gare* durante UMA HORA esperando que chegue o *rapido* do norte para lhe ser junta aquela que este traz e virem entino as duas para a repartição.

Abstemo-nos dos comentarios e considerações que este extraordinario caso e suas consequencias merecem, na certêsa que o sr. director do correio intervirá de pronto dando imediato remédio a este mal e que em bem pouco se resume: mandar seguir para a repartição a mala após a sua chegada e creando uma nova condução para aquela que traz o *rapido*.

A seita negra

—(*)—

O nosso colég*a O Mundo*, num dos seus numeros da semana finda, sob a epigrafe—*Provocações*—judiciosamente alude ao arreganho com que o reaccionarismo está, dia a dia, entrando em manifesta hostilidade—clara e franca—contra o regimen e especialmente contra as disposições basilares da lei da Separação.

Justificando quanto sobre o assunto o referido jornal escreve, com a autorisação que incontestavelmente lhe dá o seu logar de brilhante destaque na imprensa, entre outras razões subsiste aquéla que, como mais carateristico resurgimento da acção clerical, se manifesta na actividade com que nos ultimos tempos o bispo da Guarda se pronuncia não só acirrando a questão religiosa, que estava morta, mas avançando pelo caminho da provocação e do incitamento á rebelião, lançando mulheres fanatizadas contra uma câmara municipal, incitando os membros duma irmandade a desobedecer á autoridade administrativa e mandando para uma paroquia um padre que é incompativel com a população.

Aponta ainda o *Mundo* concrétamente os factos que para ele, como para todos nós, são mais que bastante para justificar, sem perda de tempo, a imediata intervenção do govêrno.

Não resta duvida que o clericalismo por toda a parte se move e agita, a dentro do seu programa, na guerra contra o regimen, que neste momento, pela transigencia dos que o servem, está sendo o unico culpado, o unico responsavel.

Ninguem queira vêr nas nossas palavras a defêsa da absoluta intransigencia ou o mais leve sectarismo que leve á ferocidade contra quantos, por qualquer fórma, não estejam em completa identificação com o nosso modo de vêr.

Mas o que não podemos permitir sem o nosso mais vivo e clamoroso protesto é que do proprio ministério da justiça dimanem instruções que brigam em absoluto com o espirito da lei; portarias, simples oficios, revogando terminantes dizeres contidos em artigos duma lei, como está sucedendo a proposito dos incidentes que atualmente se suscitam entre a autoridade civil e o padre!

Se aqui a junta de paroquia é reaccionaria e sofismando a lei contraría o padre, que é cultualista ou mesmo liberal, não será a este reconhecida a justiça da sua causa, alegando-se, superiormente, a inconveniencia em abrir hostilidades, iniciando épocas de excitação e de represalias; se o padre é o reaccionario negro e provocador e a junta de paroquia ou qualquer outra corporação deseja cumprir a lei integrando-se nas suas determinações, não o consegue porque baixam de novo as mesmas *instruções conciliadoras!!!*

Incontestavel e inegavelmente, após a quéda da situação Afonso Costa, o espirito da lei da Separação e até as suas mais claras e simples determinações tem sofrido os maiores vexames, superiormente autorisados, vergonha é dizel-o, e, é sem duvida éssa a principal razão donde provém o alento para que o clericalismo tripudie na sua obra de retrocesso e de exploração, sobre aquêles que a lei autorisa proteger e defender das acometidas exploradoras e ignobeis dos agentes da velha Roma!

O Mundo cita e aponta os factos, que condena, mas não nos diz quaes as medidas ou atitude do govêrno deante délas.

E não diz, evidentemente, porque, por *prudencia*, o govêrno fecha os olhos, para não agravar, neste momento, a situação interna do país, como os fechou sempre, consentindo que a reacção se avigore na guerra de morte, que, com criminosa impunidade, lhe permitem que mantenha contra as instituições!

Mas não é só pela Guarda: é por aqui, é por toda a parte!

Se o *Mundo* conhecesse o que se está passando no distrito de Aveiro...

Se soubésse o que se está fazendo em Oliveira de Azemeis, com a autorisação da junta de paroquia e o consentimento da autoridade administrativa... O que se dá em Oliveira do Bairro; o que sucede a dois passos do Govêrno Civil désta cidade—em Esgueira, em Verdemilho, em Vagos...

E o que vamos vendo como triste corolario de tudo isto?

A propria autoridade superior do distrito, autorisando, aos reaccionarios, actos abertamente ofensivos da lei e profundamente deprimentes para as proprias instituições, como aquêle que o sr. governador civil lembrou ao ordenar o arrombamento da porta duma capela onde a Junta de Paroquia não permitia a entrada de cérto padre, inimigo das instituições, escudada na lei e fielmente cumprindo as atribuições que lhe são conferidas, tendo em vista a defêsa do regimen.

Mas enquanto por Esgueira assim se aconselha á junta de paroquia, a autoridade administrativa de Oliveira de Azemeis, ordena o contrario, negando que se abra a egreja para evitar a realisação de determinados actos do culto, como se isso deva evitar, como se tal é licito que se faça.

E deante de tudo isto, que as instancias superiores de sobejo conhecem, quaes são as instruções que délas dimanam?

Num proposito mais que condenavel, verdadeiramente criminoso, baralha-se o assunto, lembram-se disposições que, posteriormente estabelecidas á lei em simples portarias, que a *bonança* governamental criou, não atam nem desatam, antes deixam de pé a duvida e o receio no espirito dos que as consultam. E, como ninguem quer tomar iniciativas, livre fica a acção daqueles que se não arreceiam da defêsa da sua obra!

Este campo não é, porém, o unico em que o clericalismo se pronuncia.

A sua maior vitima é ainda o padre cultualista, que deante da cobardia governamental e do abandono em que o deixaram, sofre a perseguição feroz não só dos proprios agentes da egreja como das corporações reaccionarias que, por qualquer fórma, fiscalisem os seus actos.

Para tanta ousadia não olha o govêrno, não olham os poderes constituidos.

Se se torna preciso toda a prudencia e serenidade para acompanhar os homens que estão á frente dos destinos da Patria, neste momento de tão desmedida gravidade, a esses homens tambem pouco exige a opinião publica liberal sobre a sua atitude perante o atrevimento reaccionario—basta que cumpram e mandem cumprir a lei sem pecaminosas transigencias, que apenas significam receio e fraquêsa. Se o não são, muito se parece, porque não se póde admitir que por *prudencia* se consinta a vergonhosa e ridicula farça que está decorrendo em Tarouca ha uns poucos de dias, com participação da Camara Municipal e outras entidades a proposito da morte duma pobre mulhersinha idiota, que a ignorancia junta á exploração velhaca-religiosa-clerical tem aproveitado da maneira a mais escandalosa, considerando como *santa* uma simples vitima da pobreza do seu obsecado espirito!

Enquanto o país inteiro se sente vexado deante deste acto e de tantos outros de variado aspecto, traduzindo todos a obra da reacção clerical, o govêrno desinteressa-se da fórma mais condenavel das medidas que não só eram indispensaveis, mais traduziriam tambem a sua vigilancia sobre o cumprimento da lei e o devido respeito ao progresso da época.

Que todos se lembrem dos deveres a cumprir. Por nós não bradaremos sómente contra o mal, apontando a realisação da obra do govêrno, neste particular; bradamos tambem contra o excésso de transigencia que implicitamente encoraja o atrevimento e a ousadia da seita negra.

Pelo menos é quanto até agora se tem visto.

Generos alimenticios

—(*)—

Porque negociantes ha que continuam a explorar o publico vendendo-lhe os generos mais caros do que deve ser sem nenhuma atenção pelos deveres de honestidade que todos teem por obrigação respeitar, lembramos á autoridade competente a conveniencia de se organisar, como em Lisboa, uma tabela uniforme dos preços de artigos sugeitos a alterações e considerados de primeira necessidade afim de se pôr côbro o mais depressa possivel aos abusos que se estão praticando.

Ainda agora lemos que o importante diario parisiense, *Le Journal*, a proposito da crise economica que aflige os países não beligerantes, faz notar o facto de não ter havido alteração na vida de Paris e Londres, cidades onde os generos alimenticios se estão ainda vendendo pelos mesmos preços que se vendiam antes da guerra.

Que ao menos os senhores negociantes portuguêses tenham em consideração o momento não o agravando indevidamente.

RAPTO

Na séde do visinho concelho de Ilhavo foi raptada na terça-feira ultima pelo professor de ensino primario em Sôza, Duarte Pinho, a menina Maria da Ascenção Cruz, tambem conhecida pela *Mateira* e que segundo as nossas informações não desmente a fama de que gosam as suas patricias pois é uma das mais galantes tricaninhas da vila. O resto já se sabe... Teremos, como epilogo da aventura, o casamento, a formação dum novo lar, que oxalá seja provido das felicidades almejadas pelos adorados pombinhos.

EXPEDIÇÃO Á AFRICA

—(*)—

Na ultima ordem do exercito vem a indicação das unidades que deverão fornecer as forças que constituem as expedições que o govêrno resolveu enviar para a nossa Africa tanto oriental como ocidental.

São os 3.os batalhões de infanteria 14 e 15, 3.os esquadrões de cavalaria 9 e 10, 2.a e 4.a baterias de montanha, 1.° e 2.° grupos de metralhadoras, serviço de administração, saude, estado-maior, etc., tudo na totalidade de 3.000 homens.

Comandam as duas forças expedicionarias os tenentes-coroneis Alves Roçadas, que segue com a parte destinada a Angola e Massano de Amorim, que acompanha as que se destinam a Moçambique.

Estas forças, apesar de todos os esforços empregados pelo govêrno, não pódem, na sua totalidade, ser conduzidas por barcos nacionaes, devendo as que se destinam a Angola seguir a bordo dos paquetes portuguêses da Empreza Nacional de Navegação — o *Moçambique* e o *Cabo Verde*—e as que seguem para a Africa Oriental no vapor inglez *Durham-Castle*, de 8.228 toneladas, o qual comportará, pelas suas dimensões, a totalidade da expedição.

Além disso, estas embarcações, segundo parece, terão a comboia-las o cruzador *Almirante Reis*.

Está marcada a partida para o dia 10 do proximo mez, devendo a ela assistir o Presidente da Republica, ministério, etc., antecendendo-a uma parada geral das forças nas vesperas da largada.

E' o primeiro sacrificio que nos exige essa guerra feroz e destruidora que assola a Europa, guerra na qual as duas testas coroadas, da Alemanha e da Austria, no seu sonhobarbaro de dominação, lançaram a humanidade sem outro proveito mais do que o seu proprio aniquilamento.

E depois deste sacrificio, quantos nos serão ainda exigidos em dinheiro e homens?

Que dias de intensa dôr e de lagrimas amargas nos estarão ainda reservados?

O BRAZIL DE HOJE

Fome, Miseria & Companhia

Presentemente todas as calamidades abatem sobre o Brazil:

A Peste, a Fome, a Sêde!

(CARTA ESPECIAL PARA "O DEMOCRATA,,)

Continúa a crise no Brazil. Mas agora, queridissimos leitores, quando toda a gente esperáva que *éla* sucumbisse como sucumbem as sonhadoras ilusões de aqueles que para aqui veem confiantes num futuro risonho, coroado de rosas e de ouro,—mas agora, sim, a Senhora Dona Crise surje com outro caracter mais tétrico e em tudo menos tranquilisador para todos nós, estrangeiros.

A' crise de caracter, já de per si bastante gráve, ajuntou-se, de casa e pucarinho, como por aí é uso dizer-se, esta terrivel e alarmante triologia:—**a peste, a fome e a sêde!**

Sim, a peste, a fome e a sêde! Embora isto desagrade ao inefavel correspondente do *Correio da Manhã*, a éssa abjecta criatura que tão empenhada anda em desacreditar Portugal e a Republica que o hospéda com galhardia, já não é só a crise de caracter que assoberba e infilicita este grande país sul-americano, por onde andam bastantes milhares de patricios nossos,—felizes esses, porque soubéram enriquecer noutros tempos, e desgraçados muitos, porque viéram para aqui como bandos de carneiros, ao acaso e numa época de incertezas e de ruinas, de descalabros e de podridões de toda a ordem.

* * *

Lá pelo norte, então, bom é não falar!

Manáus despovoa-se dia para dia, e o Pará vê-se a braços com uma crise assustadora e sumamente gráve que o está reduzindo á fome e á miseria mais infima. Chegou-se, pois, á terrivel época do—*salve-se quem pudér!*

E' o que muitos teem feito ultimamente para, assim, não perecerem á mingua em terra estranha e longe dos seus entes mais queridos e da patria idolatrada.

Outros—e esses são em maior numero—não o fazem porque, para maior desgraça, nem sequer pão têm para mitigar a fome!

Prova-o os factos bem contristadores recentemente desenrolados em Belem do Pará.

Ali, a soldadesca, a quem o govêrno paraense não tem pago por **absoluta falta de dinheiro,** como já o demonstrámos na ultima carta, une-se ao povo faminto e, em pleno dia, como leões esfaimados, assalta os açougues e outros estabelecimentos particulares para a conquista de carne e de pão!

Ora leiam o seguinte telegramma que toda a imprensa carióca publicou, embora a maior parte déla deixasse de comental-o como devia e como o exigia a sua suma gravidade:

«No Mercado Municipal vários populares famintos assaltaram uma carroça que conduzia 363 kilos de carne, de sobra de diversos açougues, e apoderaram-se do producto. Na ocasião em que procediam á divisão, a policia quiz intervir, sendo repelida, participando depois a propria policia da referida divisão.

Alguns marchantes e caixeiros destes, foram vaiados pelos populares.

Desde alguns dias os Irmãos Maristas e outras pessoas faziam distribuir diariamente, pão, carne e farinha aos pobres, mas hoje, em consequencia do assalto dado á carne do Mercado, aqueles padres não receberam a que era destinada ás esmolas.

Devido a isso os portadores de cartões promoveram uma assuada, invadindo a casa dos religiosos, tornando-se necessario que o vigario Richardi requisitasse uma força de policia para restabelecer a ordem.»

Não somos nós, como os senhores estão vendo, que inventamos estas **infamias** contra este país *amigo* que nos acolhe. São os factos, os grandes factos que falam por nós e são eles proprios que, feliz ou infelizmente, cada vez mais nos incitam a gritar bem alto:

—Não emigrem para o Brazil!

Por isso, não nos importamos que o *amavel* correspondente do *Correio da Manhã*, em Lisboa, mande para cá dizer que a imprensa portuguêsa está, hoje mais do que nunca, empenhada numa campanha de **descrédito** contra o Brazil.

São palavras que a verdade dos factos esmagam; são verrinas que a realidade—e triste realidade!—fórça a mergulhar na lama de tanta podridão e de tanta miseria.

Mas não suponham, nem de leve que seja, que é só lá pelo norte do Brazil que este tristissimo e melindroso estado de cousas assentou arraiaes. Não.

A crise ainda não abandonou o Rio de Janeiro; antes pelo contrario—éla agravou-se e muito por multiplos motivos.

No Rio, á crise financeira veio ajuntar-se, nestes ultimos dias, **a peste, a fome e a sêde.**

E senão vejâmos o que, ha poucos dias, publicou um jornal carióca com o titulo

A PÉSTE

«O numero de variolosos vae em um crescendo assustador, *sendo infelizmente incontestavel que o Rio está contaminado neste momento do terrivel morbus.*

O hospital de S. Sebastião tem recebido diariamente de 12 a 18 doentes desse terrivel mal.

Mas de onde vem, na sua maioria, toda essa gente?

—Vem das casas de comodos, dissenos o dr. Antonio Ferrari, director do hospital de S. Sebastião.

São raros os casos que tem ocorrido nas casas de familia.

A primeira medida a tomar, para a debelação do flagelo, seria o acabarem-se com as moradias colectivas. Das grandes aglomerações vem todo o mal.

Mas a casa de comodos é ainda um aspecto da *miseria em que se debate o nosso povo, que não póde distraír, em virtude do alto preço a que chegaram mesmo as cousas imprescindiveis á existencia, a quantia necessaria para o aluguer de uma casa.*

A estatistica dos variolosos no hospital de S. Sebastião é completa; os dados principaes, porém, são remetidos para a Directoria de Saude Publica, que os nega á publicidade.

Eis porque só podemos dar hoje o movimento dos dias 20, 21 e 22 deste mez, e que é o seguinte:

Dia 20. — *Existiam 280. Entraram 13, faleceram 3, saiu 1; ficaram 289.*

Dia 21. — *Existiam 289. Entraram 14, faleceu 1, saiu 1; ficaram 301.*

Dia 22. — *Existiam 301. Entraram 12, faleceram 2, sairam 6; ficaram 305.*

Hoje, o numero de enfermos é superior a 400!!!

No hospital da Mizericordia a *variola tem grassado tambem de modo assustador.*

Os casos *surgem diariamente* em todas as enfermarias. Algumas pessoas já entram atacadas de variola em estado embrionario. *Outras são contaminadas no proprio hospital.*

De 1 de junho até hoje *já se verificaram mais de 100 casos*, sendo os enfermos transferidos para o hospital de S. Sebastião.

Uma das pessoas vitimadas pelo terrivel mal na Santa Casa foi a irmã Marieta, encarregada da cozinha.

A irmã Marieta, que era brazileira e moça ainda, faleceu em maio, tendo a provedoria da Santa Casa ocultado este facto.»

Que nos diz a isto o inefavel correspondente do *Correio da Manhã*, o tal sr. Candido de Castro?

Mas vamos completar a triste triologia, *péste, fome e sêde*. Fala ainda o diário carióca, mas désta vez com o titulo

A FÓME

«Manuel Gomes de Queiroz é um pobre quinquagenario de precedentes bons. Sempre viveu de seu trabalho rude e honesto. E apezar disso, ou por isso mesmo teve a coroar todo o seu ingente esforço, ao chegar á velhice, a mais negra miseria.

Quando lhe faltaram as forças, faltou-lhe o trabalho; e faltando-lhe o trabalho, tudo o mais lhe faltou.

Manuel Gomes fez-se então mendigo. Mas o pão da caridade está sujeito ás contingencias dos logares onde se implora. E como *a situação actual désta fertilissima terra é simplesmente de miseria, nem este pão minguado e aviltante* chegou ao infeliz velhinho.

Houve um dia em que Manuel Gomes, depois de vaguear inutilmente pelas ruas, nos suburbios, sentiu que se lhe turvava a vista, que as pernas fraqueavam.

Era a fóme! Mas a fome que desorienta, a fome que ou é morta ou mata, a fome de vários dias.

Manuel então, já privado do discernimento, impelido apenas por uns restos de energia que lhe dava o instincto de conservação, correu a debelal-a. Mas como?

Manuel encontrou em frente a uma casa um pedaço de cano de chumbo e furtou-o.

Com os 4$700 que lhe rendeu o producto de seu *delicto*, Manuel comprou algum alimento.

A policia, porém, soube do caso e prendeu-o.

Manuel confessou sem rebuços o *delicto* de que era acusado e as razões por que o cometera.

Mas o Codigo tem exigencias, que um mero funcionario policial não póde violar.

Por isso Manuel Gomes de Queiroz, como tem acontecido com outros nas mesmas condições, foi enviado com uma escolta e um processo ao juiz competente.

O promotor Alvaro do Rego Martins Costa, porém, tomando em consideração os fortes motivos que levaram Manuel Gomes a comprometer o seu passado de honra e de trabalho, formulou ontem um bem fundamentado parecer, opinando pela absolvição do acusado.

Admiravel situação esta que vamos atravessando, em que a justiça, para não ser uma cousa odiosa, se vê na contingencia de justificar um delicto, atentas as razões que o determinaram.

Esse é um caso unico? Oxalá o fosse! Aí, por éssa vasta cidade, quantos casos semelhantes ocorrem, que não chegam ao conhecimento do publico!»

Então, sr. Candido de Castro, ha ou não ha motivos de sóbra para se levantar em Portugal uma forte campanha contra a emigração portuguêsa para o Brazil, sobretudo na presente conjuntura?

Mas ha mais. Vejâmos, ainda, o que publíca o nosso orgão carióca sob a epigrafe

A SÊDE

«Primeiro, foram os mananciaes que começaram a baixar as aguas. Depois os reservatorios começaram a descer a linha de fluctuação até parar a um metro apenas, do fundo. A agua, que jorrara, passou a correr em filetes, e por ultimo a pingar.

A sua falta se fez sentir nos mistéres da higiéne, passou a faltar nos de primeira necessidade, como para a cozinha, e *agora até para matar a sêde éla falta já.*

A falta de agua atingiu assim uma calamidade publica.

E' a sêde que chega!

Começam-se a manifestar os primeiros casos caracteristicos da calamidade que nos assola e que são os pronuncios do cortejo de horrores que se desdobrará sobre a população.

A séca é terrivel. O aspecto dos nossos campos, das nossas hortas, dos nossos jardins já se vae tornando desolador.

Ainda os jardins e as chacaras, que têm um tratamento especial, vão resistindo á séca, mas os campos, esses apresentam já o aspecto de certos trechos dos sertões do norte, nas quadras calamitosas.

Um copo de agua que nunca, faltou a ninguem, para desalterar a sêde, já não se encontra sem se vencerem dificuldades.

As proprias casas comerciaes, onde se entrava com a maior liberdade para se encher um copo de agua da bica, não pódem mais socorrer o sedento, porque das bicas só a uma certa hora a agua goteja.

O trabalhador que subir pela rua, nos seus afazeres, sob os raios do sol, tem que precaver-se para poder matar a sêde que o devora, que escalda.

— Tenha paciencia, não ha agua, lhe *dirão aqui.*

—Não temos ainda agua, lhe dirão ali.

—Mandámos buscar um litro de agua e ainda não nos chegou, dirão acolá.

Foi o que se passou, ontem, com um vendedor ambulante.

Afinal, o pobre homem, de porta em porta, foi bater a uma casa de familia, cuja criada, com ordem dos patrões, lhe deu um copo de agua.

Depois de mitigar a sêde, o vendedor ambulante tirou o chapéu, enxugou o suor, olhou para o céu, e na sua lingua balbuciou um agradecimento a Deus, e quiz gratificar a criada, oferecendo-lhe não dinheiro, mas um pequeno objecto, um alfinete talvez, que tirou da sua caixa de quinquilharias.

E' um caso caracteristico.»

E basta por hoje. As transcrições acima mostram claramente como isto por aqui vai.

E' a **péste,** é a **fóme,** é a **sêde** que nos bate á porta. E', pois, uma triologia que ameaça desmoronar lares; é, pois, uma trindade de flagelos que ameaça cobrir de luto aquêles que não têm recursos, nem trabalho, nem pão para comer...

Que fazer, então?

Que nos responda o correspondente do *Correio da Manhã* ou alguem por êle.

J. Fernandes Tavares

Notas mundanas

Já se encontra entre nós, vindo da Africa, o nosso presado amigo e conterraneo José de Souza Lopes. Chegou de perfeita saude e conta demorar-se alguns mezes com sua familia no seio da qual é assaz estimado.

Com isso nos congratulâmos abraçando-o afectuosamente.

=Registou-se civilmente a filhinha do nosso amigo João Augusto Rosa, muito digno 2.° aspirante dos telegrafos, recebendo o nome de Lizéte Corrêa Rosa.

Paraninfaram a sr.ª D. Julia Purêsa Corrêa Reis, professora oficial de ensino primario, em Soure, e o sr. Antonio Augusto Rodrigues Campos, ajudante de notario em Montemór-o-Velho.

A' recemnascida desejâmos todas as venturas.

=Depois de ter passado uma temporada em Esgueira, seguiu para Lisboa o sr. Joaquim Mateus Farto.

=Está em Entre-os-Rios o sr. Antonio dos Santos Victor, escrivão em Vieira do Minho, que depois vem para a Costa Nova do Prado.

=Visitou-nos na passada semana o sr. Manuel Dias dos Santos, conceituado ourives, estabelecido em Valença.

=Partiu para a Costa Nova com sua filha e genro, o sr. Augusto Guimarães, velho habitué daquéla praia.

=Tambem ali se acha com as sr.ªs D. Leopoldina Viana e D. Ana da Conceição Lousada, mãe e irmã da esposa do nosso querido amigo Francisco Vieira da Costa, ausente em Loanda, a sr.ª D. Ludovina Vieira e Costa, mãe deste.

=Para a mesma praia seguiram egualmente a sr.ª D. Joana Gomes de Faria e sua filha.

=A passar alguns dias no Furadouro está a sr.ª D. Maria Regina Miranda, filha estremosa e prendada do sr. João Pinto de Miranda.

=Deu-nos o prazer da sua visita, o nosso velho amigo sr. João Carlos Moreira da Silva, farmaceutico e secretário da administração do concelho de Mira.

=Faz hoje anos, pelo que a felicitâmos, a sr. D. Laura Rodrigues Prazeres, gentil aveirense.

=Por carta recebida do Pará soubémos que esteve doente, encontrando-se, porém, quasi restabelecido, um dos nossos melhores amigos residentes naquéle Estado, sr. Carvalho Afonso.

=Foi pedida em casamento para o sr. Manuel Ferreira, filho do industrial sr. José Augusto Ferreira, a sr.ª D. Ofélia de Rezende.

=Vindo da Guarda, onde exerce as funções de escrivão de direito, chegou a Anadia com sua esposa e filhos, o nosso amigo sr. Joaquim de Almeida Paulo, que em setembro tenciona veranear na Costa Nova.

=Estão na praia do Farol tambem acompanhados de suas familias, os srs. tenentes Gaspar Ferreira e Antonio Machado.

=Tem estado gràvemente enferma em Oliveira de Azeméis a dedicada esposa do distinto advogado, dr. Sá Couto, nosso presadissimo amigo.

Sentimos, desejando as melhoras rapidas e completas de sua ex.ª

=A uso de aguas da Curia partiu para aquéla estancia, na segunda-feira, a sr.ª D. Luisa Candida Peixinho.

=Seguiu a passar alguns dias em Trancoso o sr. D. Francisco Tavarede.

=Acha-se nas suas propriedades das Quintans, o sr. Fortunato Mateus de Lima.

=Vimos nésta cidade os srs. Fernão de Lencastre e Domingos Costa, de Oliveira de Azeméis.

=Ao cabo de quinze dias de viagem, chegou de boa saude ao Rio de Janeiro, a bordo do Demerára, da Mala Real Inglêsa, o nosso amigo Guilherme Francisco Luiso, natural de Nariz, que se destina ao Rio Grande do Sul.

Muito estimâmos as suas noticias.

=Casou ha dias com a menina Anunciação Marques, o digno regedor da Oliveirinha, Manuel da Cruz Manuelão, antigo republicano daquêle logar, a quem felicitâmos desejando aos noivos um futuro perene de venturas.

Assinaram, como testemunhas, o auto do registo, o sr. Manuel Marques Janvelho, de Eixo e Lia Batista Marques.

=Com suas familias seguiram para a Costa Nova, os srs. Manuel Marques da Cunha e Inácio Cunha.

=A passar a estação calmosa encontra-se na mesma praia o sr. José Mendes Lima.

=Para Brunhido partiu com sua esposa e filhos, o sr. José Casimira da Silva, muito digno director da Escola Normal désta cidade.

VICTOR HUGO
e o tratado de paz de 1871

Na Assembleia Nacional que em Paris se realisou, em 1 de março de 1871, para discutir o tratado de paz que mais tarde foi assinado em Francfort, precisamente no momento em que os prussianos entravam em Paris, Victor Hugo, que se pronunciou contra a assinatura desse tratado, subindo á tribuna, proferiu estas memoraveis palavras:

«Ha de ora avante duas nações que serão temiveis: uma por ter ficado vitoriosa, a outra por ter ficado vencida!

Das duas nações, uma, a vitoriosa, a Alemanha, terá o imperio, a servidão, o jugo soldadesco, o embrutecimento da caserna, a disciplina nos proprios espiritos, um parlamento temperado pela encarceração dos oradores... Esta nação, a nação vitoriosa, terá um imperador de preferencias militares e de direito divino, o cezar bizantino amalgamado no cezar germanico; terá a ordem no estado de dogma, o sabre transformado em sceptro, a palavra amordaçada, o pensamento garrotado, a consciencia de joelhos; nem tribuna, nem imprensa!

As trévas!

A outra, a vencida, terá a luz, terá a liberdade, terá a Republica; terá não o direito divino, mas o direito humano; terá a tribuna livre, a imprensa livre, a palavra livre, a consciencia livre, a alma elevada! Terá e conservará a iniciativa do progresso, dará impulso ás ideias novas e protecção ás raças oprimidas. E enquanto a nação vitoriosa, a Alemanha, ha de curvar a fronte sob o seu pesado capacete de horda escrava, éla, a vencida sublime, a França, terá na cabeça a sua corôa de povo soberano!

Meus senhores, diz o grande poeta, ha em Strasburgo duas estatuas elevadas a Guttenberg e a Kléber. Pois bem. Sentimos no nosso intimo uma voz, que se eleva e jura a Guttenberg que não deixaremos asfixiar a civilisação, e a Kléber que não deixaremos asfixiar a Republica.

Em seguida, acrescenta: que não votará o tratado, porque uma paz vergonhosa seria uma paz terrivel. A hora da *révanche* soará, cedo ou tarde, e vêr-se-ha então a França retomar a Lorena e a Alsacia, conquistar Tréves, Mayença, Colonia, Coblenz, toda a margem esquerda do Reno... Mas, continua o genial poeta... E ouvir-se-ha a França gritar: —chegou a minha vez, Alemanha, aqui me tens! Sou eu tua inimiga? Não. Sou tua irmã. Tomei-te tudo e torno-te a dar tudo, com uma condição: é que não seremos mais do que um só povo, uma só familia, uma só Republica... Vou demolir as minhas fortalezas, tu vaes demolir as tuas. A minha vingança é a fraternidade. Acabaram-se as fronteiras: o Rheno é de todos. Sejâmos a mesma Republica, sejâmos os Estados-Unidos da Europa, sejâmos a federação continental, sejâmos a liberdade européa, sejâmos a paz universal. E agora, apertemos a mão, porque prestamos um serviço uma á outra: tu livraste-me do meu imperador, eu livro-te do teu.»

Decorrido menos de meio seculo, tudo leva a crêr que, quanto Victor Hugo previu e disse naquéla hora suprema, será uma verdade inconfundivel e um facto insofismavel.

E não poderá deixar de assim acontecer.

A Democracia falava pela boca do imortal poeta, do grande patriota que via a Patria esmagada como consequencia dos erros e crimes da casta privilegiada que néla dominou.

Tu livraste-me do meu imperador, dirá a França, *eu livro-te do teu.*

Ai de nós se assim não fôr.

Touros na Mealhada

Promovida pela emprêsa *Messias, Campos & C.ª*, realiza-se depois de ámanhã, na Mealhada, uma imponente corrida de touros oferecida aos aquistas da Curia e Bussaco, na qual tomarão parte os principaes artistas e amadores portuguezes, como José e Manuel Casimiro, Teodoro Gonçalves, Jorge Cadete, Torres Branco, Alexandre Vieira, Alfredo dos Santos e Mario Duarte.

Nésta cidade organizar-se-á um comboio especial afim de conduzir os aficionados, sendo a hora da partida ás 13 e o regresso ás 20 com paragem em todas as estações e apiadeiros do percurso.

Capitão Ferreira Viegas

Regressou de Mafra a esta cidade depois de ter feito tirocinio para o posto imediato, o capitão de infanteria 24, Ferreira Viegas, que não só entre os seus camaradas como ainda na sociedade aveirense gosa de geraes simpatias.

Afectuosamente abraçâmos o distinto oficial.

UMA FÉRA

Maria Albina da Conceição, solteira, costureira, moradora em Sá, mulher, segundo nos informam, de péssimos costumes, enraivecida pelo desprêso a que fôra votada para ser substituida por Joaquina Guedes, solteira, residente no proximo logar da Forca, foi, num dos dias da penultima semana, esperar a sua rival á rua de Arnélas e, surpreendendo-a ali, atiroulhe com vitriolo á cara, deixando-a num estado lastimoso, não a tendo cegado por um verdadeiro milagre.

Todo o vestuario da pobre vitima, que está no seu estado interessante, ficou por completo inutilisado.

Tendo sido dada a devida participação ao poder judicial foi a féra devidamente sequestrada do convivio da sociedade e merecidamente metida na cadeia, onde deverá sofrer o justo e rigoroso castigo á sua acção covardemente infame.

Que virágo aquele, safa!

Aos nossos assinantes
de S. Thomé

a quem enviámos á cobrança os recibos de *O Democrata* pedimos, afim de nos evitarem novas despêsas, o obsequio de os satisfazerem logo que sejam apresentados, o que muito agradecemos.

A cultual e o administrador de Oliveira de Azemeis

VII

De cabriola em cabriola de palhaço lá vai seguindo os seus trabalhos o administrador do concelho, Fernão de Lencastre, sorrindo-se ao perfumado prior da confraria Saletina, apoiando os adversarios das leis da Republica, obedecendo ao pingalim do *instrutor*, implorando a protecção do *magriço*. Aqui, solta um grito de independente; acolá, cúrva-se até ás botas dos *senhores*; agora, finge, em *requiebros* de aristocrata, de sincéro republicano; daqui por um momento, abraça em protecção fraternal os reaccionarios e monarquicos. E ao terminar per corre, esfalfado e sujo, a arena, implorando dos espectadores de coração bondoso a esportula, que lhe é lançada ao barrete multicolor por quasi todas as mãos, quer individualmente—e então é por misericordia ou por interesse mesquinho e fradesco—quer em nome de colectividades que deviam guardar, com toda a religiosidade, nos seus cofres, os sacrificios dum povo, que na sua maior parte mourreja o sustento entre lagrimas de dôr e pobreza.

Se ás vezes recolhe farta maquia, outras vezes, triste e cabisbaixo, volta á sua guarida, aonde chupa sofregamente a ponta dum charuto que algum *brazileiro* havia por descuido deixado fugir da sua boquilha de ambar e ouro, saboreando essa unica recompensa duma esperança perdida.

Mas não é duradouro esse desfalecimento. Ainda a ponta do charuto não lhe chamusca os dedos, e ei-lo novamente nas suas cabriolas, reanimado por um segredo que lhe promete barretadas de dinheiro, que para ele já vem correndo com a velocidade das *locomotivas* e com a certêsa dum despacho ministerial ou de chefe de secretaria. O que é necessario para que essa esperança não lhe fuja, é não abandonar a sua profissão nem arrefecer o entusiasmo do seu trabalho. E' indispensavel que o palhaço continue no seu posto com a mesma mascara e com a mesma boa vontade.

A recompensa agora é grande, o barrete vai trasbordar de esportulas, mas é preciso que o trabalho seja feito sem relutancia, sem medo das leis, mas com desprestigio para as instituições nacionaes, com odio á Republica e com obediencia de escravo ao estalido do pingalim. E' espesinhar por duas vezes num só compasso as leis portuguêsas. *E' prender durante seis dias um homem que se apossou ilegalmente do que era de outrem e mandá-lo depois embora sem que o poder judicial tenha, pelas vias competentes, conhecimento do crime.*

Não sei a quanto subiu essa barretada, nem sei se nas suas algibeiras tilinta o cobre; mas o que sei e afirmo é que o trabalho já foi executado, é que o usurpador já saiu da cadeia sem a intervenção do poder judicial. Foi tão grande esta cabriola do administrador do concelho que, cansado, recolheu ao seu aposento oficial e pediu telegraficamente a demissão do seu posto que—diga-se pa abono da verdade—sofreu o contra-ataque *duma licença sem vencimentos.*

Foi um trabalho completo que a monarquia, em acordo, não fazia tão perfeito. Foi uma soberba cabriola.

* *

Ha dias apareceu nesta vila um homem estranho oferecendo ao ourives José Guedes a venda duns objectos de ouro. Este ourives disse-lhe que os mostrasse para vêr. Retorquiu-lhe esse estranho que demorasse um pouco que voltava sem demora com eles, visto os ter guardado. Saiu e imediatamente entraram na ourivesaria uns homens perguntando se tinha comprado alguns objectos de ouro e contando que tinham sido roubados. O ourives respondeu-lhes que esperassem ali, porque talvez os visse em breve na mão do novo possuidor, narrando-lhes o acontecido. Esperaram e passados alguns minutos entrou o vendedor, trazendo os objectos e confessando o seu crime.

O secretario da administração do concelho fez o interrogatorio, ouviu a confissão do crime, viu os objectos roubados e o usurpador deu entrada na cadeia, depois de ser revistado e ficar livre dum revolver que deve estar na Administração.

Nas cadeias desta vila ficou enclausurado o possuidor ilegal dos objectos de ouro durante seis ou cinco dias. Ao fim deste tempo foi mandado em paz sem a organisação do processo e sem, portanto, a sua entrega ao sr. dr. Delegado.

As leis portuguêsas, que teem no sr. Fernão de Lencastre um inimigo figadal, não permitem a prisão sem culpa formada por tantas horas e castigam os crimes publicos por intermedio do poder judicial, a quem devem ser remetidos os seus autores com o procésso inicial instaurado na administração do concelho, quando o administrador é a primeira autoridade a intervir.

Como se vê pelos factos de que ha testemunhas, as leis fôram calcadas por duas vezes com a brutalidade do carrasco.

Perguntam alguns oliveirenses: póde o administrador do concelho, impunemente, faltar aos cumprimentos legais? Não será o sr. Fernão de Lencastre um criminoso por ter desobedecido á lei e dar liberdade e mesmo fuga a um autor de crime publico? Não terá este administrador de responder como responderam todos os criminosos? Não terá repugnancia nem vergonha o sr. de Lencastre pelos actos que praticou?

São estas as perguntas que em conversa entre amigos me teem sido feitas, e eu, perante o meu raciocinio, concordo com os meus interlocutores, excepto na ultima parte. E' com espanto que esses meus amigos recebem a minha descordancia; não compreendem como eu não considére repugnante e de vergonhoso esses actos do sr. de Lencastre.

Então sou forçado a explicarlhes as bases da minha opinião, para eles tão extravagante á primeira vista. E principio por dizer-lhes:—Todo o homem que conscientemente causa damno a outro, é criminoso e como tal deve ser punido. Mas, para que um julgador obtenha a moralidade das suas sentenças, base da penalidade das leis, é necessario que tenha a força moral que dignifica um caracter, que constitue a nobreza duma alma, que caracterisa a honradez, que sustenta, atravez de todos os ataques, um magistrado no seu posto, de cabeça levantada, de mão firme e de consciencia tranquila. E o sr. de Lencastre, a esse tempo administrador em exercicio e atualmente com *licença sem vencimentos*, já não arrecadou, por mais do que uma vez, para o seu bolso quantias que tirou ao povo sem autorisação da lei? Não é isto causar damno conscientemente a outro cidadão? Não é o sr. de Lencastre um criminoso classificado?

Como é, pois, que ele devia ser o primeiro julgador desse crime do ouro? Aonde está essa força moral do magistrado digno?

Entregar ao poder judicial um homem que tirou a outrem ilegalmente uma cérta quantia, talvez levado pela fome e talvez arriscando a vida, será taréfa para quem, apesar de magistrado, exige do povo, que, por necessidade o procura, quantias a que não tem direito? Será isto coerencia? Não e não.

O sr. administrador do concelho não achou esse acto repugnante nem vergonhoso, porque se o tivésse assim olhado, tambem o tinha sentido; não viu no autor desse acto um criminoso mas sim um colléga, um companheiro na luta pela vida E vós, meus amigos, já visteis depois que eu escrevi neste jornal sobre este assunto, o sr. Fernão de Lencastre entregar o dinheiro que havia recebido ilegalmente das escrituras de caução, ou chamar-me aos tribunaes ou, como fazia todo o homem de brios, vir desafrontar-se comigo? Não. Tudo se passou silenciosamente como se não tivésse existido.

Os factos do dominio publico não se destroem com estalidos de pingalim, com habilidades de acrobatismo, nem eu me atemoriso com ameaças, venham de onde vierem. O meu corpo não é propriedade de outrem para que eu tenha detentores, nem a minha cabeça pensa pelo sabor de um bocado de pão ou de uma chavena de chá que me ofereçam. Conto só comigo; vivo do meu trabalho honésto; tomo inteira responsabilidade do que digo ou faço. E a Republica, amordaçada e chibatada neste concelho, pede-me, de olhos rasos de lagrimas, que levante o meu protésto contra esses seus carrascos, que os aponte ao povo ignorante e bom, mostrando-lhe as barbaridades, se é que o meu amor por Ela é sincéro. A Republica, nessa sua linguagem de olhares, verdadeiras vibrações de sentimentalidade duma alma retalhada, impõe-me o dever de a defender dos seus inimigos declarados e de rasgar a mascara áqueles que se fingem seus adoradores para melhor ser os seus algozes.

E são estes portuguêses, de cujo patriotismo tenho razões para duvidar, que formam o nucleo forte do estado-maior desses guerrilheiros que atacam a Cultual, entoando em alta voz o seu rancor á Lei da Separação, maldizendo, com aquiescencia do sr. Fernão de Lencastre, de toda a obra da Republica! E são estes republicanos que teem a supremacia de ser escutados pelos representantes do poder central, aonde vão, ás escondidas, vomitar os seus debeis argumentos, jesuiticamente testemunhar a sua falsa fé republicana!

Longe não vem o dia em que lhes hei-de pôr a calva á mostra, provar aos leitores do *Democrata* que o republicanismo desses homens é de simples fatiota, que o seu patriotismo é da «pele para fóra.» Basta contar o que eles pensam e berram sobre a conflagração européa.

O seu amor á causa da Alemanha classifica-os e rasga-lhes o manto diafano da hipocrisia deixando vêr na sua baixêsa a realidade dum sentimento. As suas preces pela vitoria da Alemanha afirmam-nos a sua deslealdade politica e a sua traição á Patria.

Falaremos para definir situações.

24 | 8 | 914.

Lopes de Oliveira
(Medico)

A MORTE DO PAPA

Com a surpreza do inesperado, deu-nos o telegrafo, na semana finda, dia 20, a noticia do falecimento do Papa.

Sériamente abalado depois da gravidade com que ha mezes a doença o acometera, não poude resistir á nova crise de agora agravada com o peso dos seus 79 anos completos.

Não temos espaço, nem de facto o momento se proporciona ao verdadeiro exame que os seus actos, como chefe supremo da egreja, necessitam.

Como homem, supomos não errar acreditando que possuia virtudes meritorias, chegando a afirmar-se que ele negára a sua benção ás tropas austriacas destinadas á guerra, graça que lhe fora pedida pelo ministro daquéla nação, acreditado junto do Vaticano, em nome do fanatico imperador Francisco José.

Alguns dos piedosos panegiristas do falecido Papa até atribuem, como causa preponderante da sua morte, a impressão causada pelo começo da guerra, que horrorosamente devasta os homens e os campos.

Como chefe da Egreja ele serviu dedicamente os jesuitas a quem se entregou de pés e mãos.

Uma vez subido ao pontificado deixou os negocios da politica externa—que Leão XIII soubéra sempre dirigira—ao encargo duma comissão especial e do secretário de Estado, o famoso Merry del Val, o que equivale a dizer que tudo estava na posse da seita.

Assim, a orientação do papado logo se firmou nos principios adoptados pela negra companhia de Jesus e pouco tempo depois da sua eleição, o Papa, na Alocução Consistorial de 9 de novembro de 1903, afirmou que, sendo chefe da Egreja e constituindo esta a sociedade ideal creada por Deus, para servir de modêlo á sociedade secular, era dever seu intervir na politica dos povos. Desde então, Pio X, desenvolveu e ampliou essa ideia que na enciclica *Pascendi* (setembro de 1907) foi expressa com a maxima audacia e em franco desafio á sociedade civil. Ainda em agosto de 1910 o Papa voltou ao seu tema favorito na carta dirigida aos bispos francêses, ácêrca da dissolução do *Sillon*. Pio X, que já anteriormente declarára que os

Festas da Nazaré

Vão este ano a efeito com todo o explendor as festas da Nazaré as quaes terão logar nos dias 7 a 12 do corrente.

As corridas de touros realisam-se nos dias 8, 11 e 12, havendo tambem magnificos fogos, deslumbrantes iluminações, concertos musicaes e muitos outros numeros de sensação.

A chegada do Cirio de Obidos e outros está anunciada para os dias 9 e 10.

Haverá comboios a preços reduzidos.

govêrnos que não auxiliam a Egreja e não se submetem ao seu ensino devem ser tratados como inimigos pelas autoridades eclesiasticas, na carta sobre o *Sillon*, definiu a sua ideia da subalternidade do poder civil e do elemento leigo ao sacerdocio, em termos tão vibrantes, que julgamos preferivel transcrever aqui, textualmente, as palavras do Pontifice:

Nos tesouros da sua tradição e da sua doutrina a Egreja catolica possue a melhor solução para todos os problemas politicos e sociaes. E' absurdo que os leigos pretendam dirigir a actividade social da Egreja; e é egualmente absurdo que os homens de govêrno pensem poder reformar a sociedade e estabelecer o progresso e o bem-estar na terra, sem pedir os conselhos e a direcção da autoridade religiosa. Não ha verdadeira moral, nem civilisação, sem religião... Sómente a caridade catolica póde conduzir os povos a um alto ideal de civilisação... A reforma da civilisação é, antes de tudo, uma tarefa religiosa.

Mas os espiritos progressistas foram obrigados a separarem-se logo de Pio X, porque o Papa não se contentava com o reconhecimento da ideia religiosa como força motriz do progresso humano. Para ele não se tratava apenas de despertar na alma humana a consciencia religiosa, adormecida ao sopro do materialismo do seculo XIX. Não. A renascença religiosa que Pio X desejava era uma restauração do poder temporal de papado, como preambulo ao estabelecimento da teocracia universal que a Companhia de Jesus advoga desde a sua fundação e que já fôra o sonho dourado da Egreja medieval. Atacando de frente todas as concepções do direito publico moderno, Pio X quiz estabelecer o principio sustentado por Gregorio VII e por Inocencio III de que a Sé de Roma é a fonte de onde emana o poder politico de todos os Estados cristãos e de que todos os actos do poder civil, que não merecerem a aprovação da Egreja são, *ipso facto*, nulos.

Com o novo regimen estabelecido por Pio X e por Merry del Val, a Santa Sé tinha regressado inteiramente ao costume medieval. Hoje toda a diplomacia da Egreja é feita por frades. Os nuncios e internuncios são figuras decorativas, que manteem o prestigio politico da Santa Sé nos paises junto aos quaes estão acreditados. Mas quem informa Roma do que se passa pelo mundo e quem faz toda a intriga politica movida pelo Vaticano são os frades e os jesuitas além doutros agentes secretos da diplomacia pontifical. Grande numero de padres seculares e até mesmo de leigos são empregados néssas missões reservadas. E' facil imaginar a confusão e os desvarios de uma diplomacia baseada em um corpo de agentes tão heterogeneo. Foram esses diplomatas amadores que, em julho do ano de 1910, convenceram Merry del Val de que era facil sublevar a Hespanha contra Canalejas e foram ainda eles que levaram a Roma a noticia de que o norte de Portugal estava pronto a pegar em armas contra a Republica ao primeiro aceno do Vaticano!

Enquanto Pio X, quando da separação da egreja do Estado em França apelava para o mundo cristão a favor do clero francez, minorando vantajosamente as dificuldades dos padres francezes, é bom recordar a sua atitude com o clero portuguez em egualdade de circunstancias assim como da sua protecção ao jesuita de encontro ao sentir do padre secular.

Legalisada sofisticamente a existencia das ordens e congregações em 1901, de então por deante não só cuidaram de melhor se consolidar, mas de intervir, nomeadamente os jesuitas, na vida politica da nação. No entanto, como o revelam os importantes papeis agora publicados, estavam longe, muitas délas, e as principaes, de constituir modêlos de santidade e sinceridade religiosas, e a sua influencia no proprio campo da religião era, se não, sob alguns pontos de vista, verdadeiramente nefasta, pelo menos, por via de regra, de uma esterilidade que nenhum espirito observador e imparcial ousaria pôr em duvida.

Frades e jesuitas nutriam, em geral, pelo outro clero um invencivel desdem, e quando com ele se preocupavam apenas tinham em mira subordinal-o ás suas aspirações e aos seus interesses. Por seu turno, o clero secular, com pouco abundantes excepções, era formado menos por apostolos e abnegados ministros da religião do que por oficiaes de missa e burocratas dum registo de efeitos civis, servindo os politicos e os eleigoeiros quando ambicionavam obter o despacho para uma egreja mais rendosa. Os prelados transacionavam com os ministros; o clero, em geral, não morria de amores pelos prelados.

Lutou monsenhor Tonti, por conta dos jesuitas, pela organisação dum partido catolico de govêrno, empregando todas as armas; patrocinou, para o episcopado, apenas os individuos por eles indicados, arredando todos os que não estivéssem nas boas graças de Campolide; trabalhou incançavelmente e com exito para afastar do govêrno do patriarcado o cardeal José Neto, que não convinha aos planos politicos dos inacianos, ajudando a feroz campanha contra a *Voz de Santo Antonio*, com que a Companhia apenas desejava aniquilar a provincia franciscana portuguêsa.

Mas... no ardor da peleja chega a madrugada de 5 de Outubro e todo o sonho do jesuita, acalentado pelo paço e pela rainha, em especial, desfaz-se como uma nuvem.

A Republica expulsa a sociedade de Jesus, e todos os outros institutos monasticos e congreganistas.

Vem depois a lei da Separação, no mez de abril de 1911.

Roma responde com a famosa enciclica—*Jamdudum in Lusitania*, no mez seguinte.

Esse documento, de egual valor a outros publicados em identicas circunstancias,não esconde, porém, a revolta formidavel que lavra no Vaticano.

Depois da sua publicação e guardando miseravelmente o episcopado portuguez instrucções da Santa Sé sobre o clero nacional, principia a guerra acintosa e infame ao padre pensionista.

Estes publicam o seu manifesto que oitocentas assinaturas cobrem. Tal atitude rasga o veu do misterio e os bispos são forçados a transigir, conhecendo a Santa Sé, de verdade, a situação do clero portuguez que os agentes da Companhia, ao serviço de Roma, falsamente informavam.

Todavia para o clero que preferiu a absoluta fidelidade, á egreja menosprezando a protecção da Lei, nem aquéla nem Pio X para eles têve um gesto, uma determinação, um auxilio que minore a miseria em que muitos dos seus membros aflitivamente se debatem.

Para Portugal, no pouco que aqui dizemos se resumiu a influencia de Pio X.

Poucas horas faltam, porém, para que na velha janela da Basilica seja apresentado ao povo o sucessor do falecido José Santo, de tunica papal, enquanto o cardeal mais velho exclamará:

Anuntio vobis gaudium magnu ≅ habemus Pontificem Eminentisims cardinalem X... qui sibi nomen imposuit X...

Como se sabe, o eleito Papa logo declara o nome que deseja tomar como chefe da Egreja, ficando o apelido da familia para o trato... caseiro!

Coisas do mundo...

Instituto Branco Rodrigues

Terminaram no dia 20 do corrente, na escola oficial de Cascais, os exames de instrucção primaria do 2.º grau, oito alunos deste Instituto, que tem a sua nova séde em edificio proprio, no Estoril. Foram eles José Carvalho, de Alemquer, José Castro, de Cascaes, Inacio Cotrecha, de Panoias, Carlos Agostinho, de Santarem, Palmira Mendes, de Lisboa, José Duarte Elias, de Saboia, Serafim João, de Messines e Francisco Martins, de Chaves, obtendo distinção estes ultimos quatro.

Alem destes fizéram nesta época exames singulares de português, correspondentes ao 5.º ano dos liceus, no liceu Passos Manuel, de Lisboa, quatro alunos cégos, dos quaes dois obtivéram distinção; um outro aluno fez exame de instrução primaria do 1.º grau e outro obteve distinção e louvor no exame do Curso de Musica, que fez no Conservatorio de Lisboa.

Ao todo, dos alunos cégos deste Instituto, fizéram, este ano, 14 exame e alcançaram distinções 7.

Este resultado obtido com o ensino dos cégos e comprovado oficialmente, mostra á evidencia que a privação do orgão visual não impéde que as creanças cégas possam receber instrução como as que teem vista.

Mas geralmente as creanças cégas são pobres e necessitam de ser educadas em estabelecimentos especiaes tão uteis á sociedade como o *Instituto Branco Rodrigues*.

São por isso dignas de benemerencia todas as pessoas que por qualquer fórma auxiliem a manutenção destas casas de ensino especial e de beneficencia.

Parada militar e exercicio

No ultimo domingo foi feita a ratificação do juramento de fidelidade á Patria e á Republica, pelos novos soldados do regimento de infanteria 24.

A cerimonia, que se realisou no jardim, cêrca do meio dia, em presença duma numerosissima assistencia, atingiu intensa solenidade, apresentando-se o regimento de grande uniforme, comandado pelo seu digno coronel, sr. Cristino Braziél, pronunciando patrioticas e tocantes alocuções alusivas ao acto os srs. alferes Canelhas e major Strech de Vasconcélos.

Lidas as disposições do regulamento disciplinar pelo tenente ajudante, sr. Geraldes, o sr. major Vasconcélos leu a formula do juramento que as praças repetiram em tom firme e voz clara, sendo na verdade muito emocionantes esses momentos.

Após os discursos que acima referimos foi feita a continencia á bandeira,executando a banda o hino nacional e descobrindo-se, sem excepção, todas as pessoas presentes.

Dada a ordem de retirada das praças para os quarteis, estas, acompanhadas pela banda, seguiram os seus destinos, ficando um batalhão no edificio do asilo, onde está aquartelado e marchando o outro para Sá.

* * *

Na quarta-feira e sob o comando do capitão Mario Gamelas, largou para a Barra parte do regimento, acompanhado da respectiva banda, que ali foi recebido festivamente pelos bainhistas, vendo-se quasi todos os predios embandeirados assim como a rua principal, edificio do farol, assembleia, etc.

Depois das 14 horas teve logar no vasto areal que conduz á Costa Nova o exercicio de fogo, simolacro dum recontro com tropas inimigas, o que chamou ao local avultado numero de frequentadores das duas praias atraídos pelo nutrido tiroteio que de espaço a espaço se ouvia com pequenos intervalos. Em seguida ás manobras de combate, a que assistiu, além do comandante sr. Cristino Braziél, vários oficiaes da mesma arma, fardados e á paisana, voltou o regimento de novo á Barra, cuja entrada foi saudada com morteiros e foguetes num constante estralejar que causou o mais vivo entusiasmo.

Perto das 17 horas e após terem sido armadas as tendas de campanha no largo do chafariz, teve logar a refeição do rancho nobivaque, que só ontem pela manhã foi levantado, pondo-se as tropas a caminho para esta cidade onde chegaram ás 9 horas magnificamente dispostas.

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

PUGILATO

Entre o nosso amigo Carlos Mendes e o sr. Antonio Casal Ribeiro houve, no fim da semana preterita, na Costa Nova, uma scena violenta da qual não resultaram, felizmente, consequencias de maior.

Motivou o conflito, ao que nos dizem, o facto de Carlos Mendes ter censurado Casal Ribeiro pelas suas exibições na praia de banho pouco em harmonia com os costumes simplistas do nosso povo.

Os contendores foram logo separados, tendo, no entanto, trocado alguns sôcos.

Necrologia

Em avançada edade morreu no bairro do Alboi o sr. João Moreira dos Santos, que durante toda a sua vida foi sempre um trabalhador honésto e muito estimado por quantos com ele privavam.

= Tambem deixou de existir a esposa do sr. Luiz Pereira, proprietario desta cidade, onde vive na conhecida Quinta do Arieiro.

A's familias enlutadas o nosso cartão de pêsames.

O SAL

Tem estado em Aveiro ao preço de 55$000 o vagon.

Comunicados

—=(*)=—

O Governo Civil de Aveiro

—=(*)=—

AO PUBLICO

Acompanhei ha pouco ao Governo Civil de Aveiro, duas mulheres que fôram tirar passaportes para embarcar para o Brazil com seus filhos, creanças de tenra edade, e, causou-me estranheza o facto de levarem a uma 8$40 e a outra 10 escudos e 40 centavos por esse documento, quando o preço legal de cada um destes diplomas em todo o territorio da Republica é de 7 escudos, quer o passaporte seja individual, quer colectivo, já incluindo neste preço um escudo de emolumentos, não se justificando por isso, aquele intempestivo augmento.

As mulheres pagaram. Que remedio!...

Mas uma delas pediu explicações a respeito daquela exorbitancia a uns sugeitos que lá estão alçapremados a escrever requerimentos para passaportes, empregados tambem do Governo Civil, e foi-lhes respondido pelos bons homens, que aquela exerbitancia era para os empregados superiores, pela seguinte ordem:

Estado	6$00
Emolumentos	1$00
3 filhos que levava em sua companhia	3$00
Do tal requerimento lá manipulado	$40
Total	10$40

O outro passaporte, importou:

Passaporte, taxa	6$00
Emolumentos	1$00
Um filho que levava em sua companhia	1$00
Do tal requerimento que lá fazem a solicitar passaporte	$40
Total	8$40

Sim senhor!

Num dia vão ao Governo Civil de Aveiro tirar passaportes para embarcar para o Brazil 20 familias, cada uma composta de marido, mulher e 8 filhos menores. Sabem quanto os empregados auferem? Eis aqui a conta do negocio:

Recebe, o Estado, de 20 passaportes a 6 escudos, 120$00; empregados do Governo Civil, 208$00.

Isto é: os empregados do Governo Civil recebem *tanto* como o Estado, e *ainda mais 88 escudos!*

Perceberam? O negocio é rendoso hão-de convir. Nem no principado de Monaco!

Ora os empregados do Governo Civil, não pódem receber, legalmente, senão o escudo de emolumento que *a lei lhes confere* por cada passaporte, conforme é designado no mesmo. Tudo o mais que levam aos passageiros acima da tabela legal, não passa de uma grosseira especulação! Senão compare-se:

No Governo Civil do Porto *um* passaporte, ou seja individual ou colectivo, custa sempre **7 escudos.** E o Porto, que me conste, é uma cidade... tão portuguêsa e tão sob as mesmas leis como a de Aveiro.

Em qual dos dois Governos Civis se cumpre a lei? Onde ha mais correcção?

O que se póde afiançar é que os empregados da repartição de passaportes do Governo Civil do Porto são zelosissimos e honestissimos funcionarios.

No proprio Governo Civil de Aveiro ha uma repartição onde os empregados, á semilhança duma grande agencia de emigração, exercem, ha muito, a industria de escrever requerimentos para passaportes, a todos quantos ali vão em demanda do dito diploma, ao preço de 40 centavos (ainda não ha muito levavam 50) que o passageiro paga juntamente com o passaporte.

Quando se viu espetaculo semilhante no Governo Civil do Porto? Ha muito que dura esta mamadeira em Aveiro, em prejuizo escandaloso dos agentes, habilitados, de passaportes, que pagam a sua licença e industria, por signal pezadissimos encargos, sendo todo este negocio ilegal, contra lei expressa, do conhecimento do sr. Governador Civil, que o tolera!

Só agentes habilitados, ou o proprio impetrante pode requerer passaportes. Se o passageiro não sabe ou não quer fazer o requerimento, recorre a um agente habilitado, que é o *unico* que tem direito a fazel-o e a levar ou não 40 ou 50 centavos pelo requerimento, porque para isso paga a sua licença e industria.

No Governo Civil é que não pode ser permitida, sem desdouro, uma repartição onde se praticam actos que se relacionam com as leis de emigração, como são os requerimentos a solicitar passaportes, visto que faz concorrencia desleal aos agentes, a quem obrigam a tirar anualmente uma licença, cuja importancia, só de selo, nunca é inferior a 100 escudos, fóra a decima industrial relativa, decima carissima que cada agente tem de pagar anualmente nos seus respectivos concelhos, conforme a classe. Ha uma lei que regula os actos sobre emigração e que o sr. Governador Civil não deve ser o primeiro a deixar iludir, mesmo nas suas barbas.

A lei diz, que ninguem póde praticar actos relativos a emigração nem directa nem indirectamente sem estar devidamente habilitado.

Isto é, sem pagar licença. O requerimento é um desses actos. No Govêrno Civil só pódem preencher o passaporte depois de receberem *da mão do passageiro ou do agente*, os respectivos documentos e levarem 7 escudos por êle; nada mais. O seu a seu dono.

Mas no Governo Civil de Aveiro, praticam-se outras irregularidades, não em prejuizo do agente, mas em prejuizo do *Estado!*

Narremos: Nas repartições do Estado, os requerimentos devem ser feitos em papel selado, e todos os documentos não selados tem de se lhes colar, em cada, um sêlo de 10 centavos, pelo menos. *Assim se pratica no Govêrno Civil do Porto.*

Pois em Aveiro tudo isso é dispensado; os requerimentos *são feitos em papel almaço* e todos os demais documentos, com excepção de certificados criminaes e certidões de edade, *são admitidos sem o sêlo* respectivo!

Vão lá certificar-se do rombo que o Estado leva, desde tempos remotos. Aquilo é uma soma calada!

Mas o Govêrno Civil de Aveiro, foi, é, e será sempre... outro Estado ou... a Republica de Andorra.

Os governadores que por ali passam são figuras decorativas, mais ou menos politicas. Quem move aquéla engrenagem assim, não sei. Nem sei como se toléra tanto, inclusivamente a arrogancia dos senhores dos requerimentos.

Ainda não ha um ano, que para obter passaporte não era preciso folha corrida: bastava uma testemunha abonar a isenção de crimes e... pagar 1 escudo de cada um. Agora, um passageiro que quer embarcar com sua esposa, paga do passaporte 7 escudos de lei, e um escudo, a titulo *de um termo que é preciso lavrar* e ainda mais 40 centavos do abençoado requerimento.

Total do passaporte 8$40; mas se leva 8 filhos são mais, 8 escudos!

Rica conezia! Está neste negocio o segredo do grande apêgo que existe áquéla repartição e não hade ser facil tirar-lhes a têta da boca. Um Brazil.

No Porto, para se obter passaporte, desde que se apresente os documentos exigidos, não é preciso mais que uma testemunha que abone a identidade do passageiro. E' suficiente.

Pois em Aveiro, o passageiro que vae tirar passaporte tem de descobrir a testemunha abonatoria, e... mais duas que abonem a primeira... e mais outra que assine o *tal* requerimento, a seu rogo. O passageiro percorre a cidade de Aveiro, de nariz no ar, á procura deste povo todo e depois de reunido, vae o batalhão a marchas forçadas para o Govêrno Civil antes que se feche a repartição.

Depois de ter a certeza que ficou depenado, o passageiro alcança, emfim, o passaporte e vem embora sem sapatos!...

Um assinante

N. da R.—Desde que se déram os factos determinativos da sindicancia á repartição visada e consequentemente a substituição do antigo por novo pessoal, de quem não nos é licito duvidar, muito embora subsistam as desigualdades apontadas pelo autor deste comunicado, estâmos em crêr que tudo se tem feito sob a mais completa e rigorosa observancia da lei. Pelo menos disso se acha toda a gente convicta nesta cidade onde os empregados que teem a seu cargo o serviço de passaportes são sobejamente conhecidos pela sua probidade.

CORRESPONDENCIAS

Ois da Ribeira, Agueda, 22

Como consequencia da guerra européa encareceram tambem entre nós os generos de primeira necessidade, valendo-nos o bom ano agricola que sempre atenua um pouco a vida do pobre.

= Esteve ha dias nesta freguezia de visita ao sr. Jacinto Bernardo Henriques, o nosso velho amigo sr. dr. Eugenio Ribeiro, abalisado clinico.

= Já chegaram da praia do Farol de Aveiro os srs. Albano de Almeida e sua esposa; Alberto Marques, esposa e mãe e Luiz Moraes dos Reis, seu pae e irmãs.

= Tem passado bastante doente o sr. José Tavares da Silva, abastado proprietario desta freguezia.

= Foi vitima duma pontuada dum boi o sr. Zebedeu Costa.

= Está de luto pela morte de seu pae, o sr. Camilo Ferrão, digno professor em Travassô.

Os nossos sentidos pêsames.

= Realisa-se no proximo sabado o consorcio do sr. José Moraes com a menina Ana Viegas.

Que sejam felizes.

= Passa melhor dos seus encomodos o sr. Joaquim Tavares da Silva, habil fotografo nesta freguezia.

= Vai ser aberta a apanha do moliço na nossa pateira a qual se prolongará até aos principios do proximo ano.

C.

Alquerubim, 25

Faleceu ontem de tarde nesta freguezia o sr. Francisco Marques Pereira de Lemos, general reformado. Morreu repentinamente com uma sincope cardiaca. Tinha 61 anos de edade.

A' sua inconsolavel familia apresentâmos o nosso cartão de pêsames, porque o saudoso extinto deixa saudades a todos os seus amigos.

Tinha chegado de Coimbra ha 8 dias para fixar aqui a sua residencia.

= De visita a seu pae e avô, sr. Manuel Maria Amador, estão nesta freguezia a sr.ª D. Adozinda Amador e seus interessantes filhinhos. Retiram bréve para a praia do Farol.

Cumprimentamo-los.

C.

Castélo de Paiva, 25

Sentimos devéras a falta do nosso valente *Democrata* que, por motivo de força maior, como seja a falta de papel, só de 15 em 15 dias vê a luz da publicidade.

Ainda que seja resolvido suspende-lo, por completo, temporariamente, pagaremos, da melhor vontade, a importancia da nossa assinatura.

=Sabemos ter-se resolvido substituir na ocasião das proximas eleições de deputados os administradores de vários concelhos á excepção dos de Aveiro e Paiva.

Não nos importa quaes sejam os individuos que estão funcionando, mas importa-nos, queremos e exigimos que se cumpra a *lei*, que se dê o seu a seu *dono* para o nosso bem estar. As participações dadas ás autoridades e outras corporações administrativas para, sem demora, se pôr termo ao que se está passando no concelho desde a implantação da Republica. (Veja-se a correspondencia incerta no *Democrata* de 14 do corrente mez.)

C.